

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
Curso Superior de
Bacharelado em Educação
Física**

**KAIQUE TORRES
SAMUEL SOUZA DA SILVA**

**A SUPERSTIÇÃO E O JIU-JITSU: UM ESTUDO COM
ATLETAS DE MUZAMBINHO-MG.**

**KAIQUE TORRES
SAMUEL SOUZA DA SILVA**

**A SUPERSTIÇÃO E O JIU-JITSU: UM ESTUDO COM
ATLETAS DE MUZAMBINHO-MG.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Professor Ms. Rafael Castro Kocian

**MUZAMBINHO
2014**

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho, _____ de _____ de 20_____

“Se macumba ganhasse jogo, o Campeonato Baiano terminava empatado”.

(JOAO SALDANHA)

TORRES, Kaique. SILVA, Samuel Souza. **A superstição e o jiu-jitsu: um estudo com atletas de Muzambinho- MG.** 2014. 37 f. Trabalho de conclusão de curso. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia – Campus Muzambinho – CeCAES, Muzambinho, 2014.

RESUMO

O jiu-jitsu é uma modalidade esportiva com características de competição, onde os compromissos desportivos no decorrer do campeonato, fazem com que o atleta assuma grandes responsabilidades perante a sua equipe e perante a si mesmo. A necessidade de ganhar ou de superar a si mesmo se vê, muitas vezes, comprometida pela antecipação da derrota ou ao menos pela falta de confiança nas próprias forças, podendo levar às crenças supersticiosas, o que pode ser uma questão limitante para os atletas. Com isso o objetivo desse estudo foi verificar se as práticas supersticiosas estão presentes nos praticantes da modalidade esportiva jiu-jitsu da cidade de Muzambinho/MG. A amostra foi composta por 21 atletas amadores do sexo masculino, que já praticavam o Jiu-jitsu a mais de um ano, com idade mínima de 18 anos. O procedimento realizado foi à aplicação de questionários mistos. O método empregado para avaliar os resultados, se deu através da tabulação dos dados, organizando as análises obtidas, seguido de uma apreciação das repostas com o intuito de estabelecer uma discussão e confirmar ou refutar as hipóteses anunciadas. Os resultados de maneira ampla se mostraram negativos, refutando a hipótese positiva da pesquisa. Portanto, concluiu-se que, dentro do universo pesquisado, de forma geral, os atletas não possuem práticas supersticiosas em relação à modalidade.

Palavras-Chave: Superstição, esporte, atleta.

ABSTRACT

Jiu-jitsu is sports with characteristics of competition, where the sporting commitments during the championship, make the athlete assume great responsibilities towards their team and towards yourself. The need to win or get over yourself you see often compromised by the anticipation of defeat or at least lack of confidence in their own strength can lead to superstitious beliefs , which may be a limiting issue for athletes . Thus the aim of this study was to verify whether the superstitious practices are present in practitioners of sport jiu-jitsu City Muzambinho/ MG modality. The sample consisted of 21 male athletes who have practiced Jiu-jitsu for over one year, with a minimum age of 18 years. The procedure was the application of mixed questionnaires. The method used to evaluate the results, was made through the tabulation of the data, organizing the analyzes obtained, followed by an assessment of the responses in order to establish a discussion and confirm or refute the hypotheses announced. The results broadly proved negative, refuting the hypothesis of positive research. Therefore, it was concluded that, within the research universe in general, athletes do not have superstitious practices in relation to sport.

Keywords: Superstition, sport, athlete.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	9
1.1) Problema -----	9
1.2) Justificativa -----	9
1.3) Objetivos -----	10
1.3.1) Objetivos geral -----	10
1.3.2) Objetivos específicos -----	10
1.4) Hipóteses -----	11
1.4.1) Hipótese positiva -----	11
1.4.2) Hipótese negativa -----	11
2. REVISÃO DE LITERATURA-----	12
2.1) Lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate -----	12
2.2) Jiu- Jitsu -----	12
2.3) Superstição -----	14
2.3.1) Superstição e o esporte -----	15
2.3.2) Superstição e Jiu-jitsu de acordo com as falas de Caillois -----	16
2.3.3) Superstição e Religião -----	17

3. METODOLOGIA-----	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES-----	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	27
REFERÊNCIAS -----	28
ANEXOS -----	32
ANEXO A -----	33
ANEXO B -----	34
ANEXO C -----	35

1. INTRODUÇÃO

O jiu-jitsu é uma modalidade esportiva com características de competição.

Os compromissos desportivos no decorrer do campeonato, fazem com que o atleta assuma grandes responsabilidades perante a sua equipe e perante a si mesmo. Cada êxito ou fracasso, cada vitória ou derrota se converte em objeto de agudas e variadas vivências.

Brandão (2000), relata que a necessidade de ganhar ou de superar a si mesmo se vê, muitas vezes, comprometida pela antecipação da derrota ou ao menos pela falta de confiança nas próprias forças. Alguns atletas se apegam a alguns objetos, gestos ou rituais para suprir tal necessidade.

Isso é o que nos leva às superstições, o que é uma questão limitante para os atletas, visto que a superstição é um mecanismo de apoio para os atletas, ajudando-os a lidar com a pressão das competições (BRANDÃO E MACHADO, 2008).

Porém, dessa forma, o atleta fica largado aleatoriamente à sorte ou ao azar deixando se levar por uma vulnerável espera ansiosa e passiva do destino.

Com isso devemos levantar alguns questionamentos: O quanto suas superstições podem interferir influenciar, determinar os resultados das competições? Será que as práticas supersticiosas estão presentes na modalidade esportiva jiu-jitsu?

O que nos leva ao objetivo desta pesquisa que é de verificar se os atletas que competem na modalidade esportiva jiu-jitsu possuem superstições com relação à mesma.

1.1 Problema

Será que as práticas supersticiosas estão presentes na modalidade esportiva jiu-jitsu de praticantes da cidade de Muzambinho/MG?

1.2 Justificativa

De acordo com Damiani (2005), existem fatos e fenômenos que as pessoas gostam de atribuir como sendo de origem inexplicável, mas possíveis de serem

verdadeiros. Portanto, elas creêm na sua manifestação e no seu poder. Isso é o que nos leva às superstições, o que é uma questão limitante para os atletas, visto que a superstição é um valor da cultura e é um mecanismo de apoio para os atletas, ajudando-os a lidar com a pressão das competições (BRANDÃO E MACHADO, 2008).

O estudo possui relevância, pois trata de um universo que envolve superstições e nas práticas supersticiosas que os atletas podem se sentir encorajados a enfrentar as situações de riscos, de modo a ter seus rendimentos melhorados (BRANDÃO E MACHADO, 2008).

Damiani (2005), em suas falas diz: *“Superstição é universal, ela existe em todas as sociedades e abrange todas as camadas sociais”*. Colocar a pagina, é só baixar o texto na internet e da uma lida, é fácil. Diante disto nota-se que a sua presença pode estar nos mais variados esportes o que nos leva a uma questão: Se a superstição é universal, será que as práticas supersticiosas estão presentes na modalidade esportiva jiu-jitsu? Uma modalidade que exige muito dos atletas e que os mesmos estão sobre pressão a todo instante, justificando a pesquisa.

Além desses elementos, cabe ressaltar que poucas produções na área das ciências do movimento humano contemplam a temática das crenças supersticiosas, dessa forma, o presente estudo também se justifica na premissa de produzir novos conhecimentos para a área.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Verificar se os atletas que competem na modalidade esportiva jiu-jitsu, na cidade de Muzambinho – MG possuem superstições com relação à prática.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Investigar se os atletas possuem alguma superstição no seu dia a dia;
- Averiguar se os atletas possuem alguma prática supersticiosa em relação à modalidade que praticam;

- Averiguar quais são as superstições do atleta em relação à modalidade e de que forma elas o auxiliam;
- Constatar, se na visão do atleta a superstição interfere no resultado final do campeonato;
- Levantar dados sobre práticas supersticiosas na equipe em relação à modalidade;
- Verificar com os atletas se seu treinador discute a respeito do tema em relação à modalidade.

1.4 Hipóteses

1.4.1 Hipótese Positiva

Ao final do estudo será possível verificar que os atletas que competem na modalidade esportiva jiu-jitsu, da cidade de Muzambinho – MG possuem superstições com relação à mesma.

1.4.2 Hipótese Negativa

Ao final do estudo será possível verificar que os atletas que competem na modalidade esportiva jiu-jitsu, da cidade de Muzambinho – MG, não possuem superstições com relação à mesma.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate

De acordo com Duarte (2003), as lutas acompanham o homem desde os primórdios. A necessidade fez com que ele as praticasse. No Egito, na necrópole de Beni-Hassan, em 1850 a.c, um mural com imagens de homens praticando a luta em vários movimentos deixa mais do que claro que a mesma se encontra entre nós há mais de quatro mil anos.

Com o decorrer do tempo as lutas passaram a ser vistas como artes marciais. Esse nome significa arte de guerra. As artes marciais tem origem muitos séculos atrás, guerreiros a utilizavam como forma de autodefesa e nos combates entre tribos (HIDRATA E VECCHIO, 2007).

Segundo Drigo et al (2005), as artes marciais sofreram alterações ao longo do tempo, modificando-se junto com as sociedades nas quais são inseridas. Porém aspectos tradicionalistas mantêm suas culturas, principalmente nas de origem oriental. Uma grande alteração foi à transformação destas em modalidades esportivas, impulsionadas pela mídia.

As modalidades esportivas de combate surgiram no fim do século XIX, especialmente com as disputas de boxe na Inglaterra, e ganharam força com a inserção nos Jogos Olímpicos, mais precisamente durante a Guerra Fria (FRANCHINI; VECCHIO, 2011).

As modalidades esportivas de combate possuem interface com as lutas e as artes marciais. Porém, com características de burocratização e institucionalização bem como a de organizações, federações, confederações e especialização.

2.2 Jiu-Jitsu

A origem do Jiu-Jitsu se perde na noite dos tempos, acredita-se que no primeiro ataque ou defesa de um ser humano - estaria caracterizado - "A luta em si". Evidentemente o instinto de ataque e defesa está latente no homem. A coordenação desta agressividade, sua estilização e o respeito às "Leis da Natureza", resultam na criação das artes marciais que é uma ciência e estudo fundamentado na eficiência destes. Dentre as artes marciais, o jiu-jitsu é uma das mais sutis, considerando que nesta, o estudo da anatomia humana e seus pontos frágeis, o uso de alavancas, o princípio

da física e flexibilidade harmonizados com a mente, resulta numa das mais requintadas artes. O jiu-jitsu tem como princípio básico utilizar o mínimo de força. Para um bom resultado, aproveita-se a força e fraqueza adversária (CBJJJE, 2014). Acesso em 23 de Abr. 2014.

Segundo alguns historiadores o jiu-jitsu ou "arte suave", teve origem na Índia e era desenvolvido por monges budistas. Receosos com a auto defesa, os monges criaram uma técnica com base nos princípios do equilíbrio, do sistema de articulação do corpo humano e das alavancas, evitado o uso da força e de armas.

Com a disseminação do budismo o jiu-jitsu transitou o sudeste asiático, a China e, finalmente, chegou ao Japão, onde progrediu e popularizou-se (CURIO, 2014). Acesso em 23 de Abr. 2014.

Carlos Gracie, que fora treinado por Mitsuo Maeda passa pôr Minas Gerais e em Belo Horizonte ministra algumas aulas num hotel da região. Em seguida vem para São Paulo e no bairro das perdizes monta uma academia. Sem o sucesso desejado se instala no Rio de Janeiro e na capital começa a ensinar, e também a seus irmãos: George, Gastão, Hélio e Oswaldo. Hélio Gracie passa a ser o grande nome e difusor do jiu-jitsu. Já instalado no Rio de Janeiro, forma inúmeros discípulos. George Gracie foi um desbravador, viajou por todo o Brasil, no entanto, estimulou muito o jiu-jitsu em São Paulo [...] enquanto isso, na mesma época de Mitsuo Maeda, outros japoneses continuaram difundindo o jiu-jitsu. Geo Omori foi quem fundou a primeira academia do Brasil, em São Paulo. Os irmãos Ono vieram ao Brasil na década de 30 advindo de um renomado mestre de jiu-jitsu do Japão. Aqui no Brasil formaram muitos alunos, mas acabaram por adotar a prática do judô. Takeo Yuano muito conceituado por sua exímia técnica viajou por todo o Brasil e ensinou jiu-jitsu em cidades como São Paulo e principalmente em Minas Gerais, onde lecionou e até estimulou a criação da federação local (CBJJJE, 2014). Acesso em 23 de Abr. 2014.

De acordo com a CBJJE (Confederação Brasileira Jiu-Jitsu Esportivo), o jiu-jitsu é dividido em categorias de acordo com a idade: Mirim, infantil " A", infantil " B", infante juvenil " A", infante juvenil " B", juvenil, adulto, máster, sênior 1, sênior 2, sênior 3, sênior 4 e sênior 5. Por peso: Galo, pluma, pena, leve, médio, meio pesado, pesado, superpesado e pesadíssimo. E a faixa do atleta: Branca, azul, roxa, marrom e preta o que interfere diretamente no tempo total de combate.

A luta acontece em tatames montados com placas de EVA. Tem seu início com ambos lutadores em pé, porém sua essência é uma luta ao solo, onde os atletas utilizam de estabilizações, pressões nas articulações e estrangulamentos para vencer o oponente.

A luta tem seu término ao final do tempo estipulado para a categoria e a faixa dos atletas ou desistência do atleta adversário. O vencedor é decidido por desistência do oponente, intervenção do árbitro, pela soma de pontos feitos no decorrer da luta, ou vantagens de combatividade determinadas pelo juiz (CURIO, 2014).

A modalidade em si, necessita de muita técnica, com o propósito de executar os movimentos da maneira mais correta o possível, utilizando-se de pouca força. Dentre todas as técnicas, destacamos duas das mais conhecidas como o armlock, onde o atleta executa uma alavanca com o quadril, esticando e abduzindo o braço do adversário. O mata leão, como é conhecido, é um estrangulamento no qual o atleta se posiciona atrás do adversário e através da pressão do antebraço na parte anterior do pescoço e da mão na parte posterior, sufocando o oponente (BRAVO E KRAUSS, 2011).

2.3 Superstição

Segundo Silva (2013), as superstições estão presentes na vida do homem desde os primórdios da civilização, apesar de não se saber ao certo as origens exatas de como as mesmas começaram a ter influência na vida humana.

As superstições fazem parte da própria essência intelectual humana, e não há momento da história do mundo sem a sua inevitável presença (DAMIANI, 2005).

Se a superstição sempre teve presente em nossas vidas então como conceituá-la? Como caracterizá-la? O que é superstição?

Para Toledo (2002), superstição é uma crença em algo que não se apropria a uma lógica formal ou científica e que normalmente se baseia em tradições populares ou criações simbólicas individuais estabelecidas e relacionadas com um acontecimento de sucesso ou fracasso.

Para Damiani (2005), elas estão enraizadas nos processos mentais e inconscientes do homem, e estão prontas para vir à superfície em determinadas circunstâncias.

A superstição percorre populações, atraindo atenção da maioria, criando um ambiente de associação com o seu universo. Para muitos, representa o medo de ser vítima de uma onda de mau presságio ou azar, para outros, é uma proteção contra tais fatalidades e ameaças do invisível, do além, sendo esses os principais

responsáveis pelas divulgações em massa de tal natureza e que dão origem a uma carga simbólica (CAMPBELL, 2003).

2.3.1 Superstição e Esporte

Existem alguns gestos no esporte, tais como fazer o sinal da cruz, beijar medalhas, entrar com o pé direito, usar a mesma roupa, entre outros, principalmente nos momentos que antecedem as competições a fim de se conseguir êxito o que é um fator limitante para quem está competindo indo ao encontro com as falas de Brandão e Machado (2008), onde dizem que a superstição é um valor da cultura e é um mecanismo de apoio para os atletas, ajudando-os a lidar com a pressão das competições e são nessas práticas supersticiosas que eles se sentem encorajados a enfrentar as situações de riscos, de modo a ter seus rendimentos melhorados. Singer (1977), nos mostra que existem casos no esporte onde podemos ver as práticas supersticiosas tanto por parte do atleta como por parte da comissão técnica. Damiani (2005), corrobora com a idéia trazendo alguns exemplos, tais como o jogador Ronaldo “O Fenômeno” entra sempre com o pé direito no gramado, crença que é praticada por incontáveis números de jogadores, desde o lateral Roberto Carlos como também o atacante Sony Anderson. O jogador Cristiano Ronaldo prefere usar esparadrapo nas orelhas e assim não ter que tirar seus brincos de sorte. Outro jogador, Costinha, prometeu que só se barbearia quando a Seleção de Portugal fosse eliminada da Eurocopa 2004, o ex-jogador Eusébio (considerado pela FIFA como o melhor jogador português de todos os tempos) sempre tem por perto sua toalha da sorte, que morde nos momentos decisivos dos jogos.

O italiano Fabio Capello não veste camisa branca, e o sérvio Radomir Antic repetiu a gravata azul e verde, e conquistou a “dobradinha” Liga e Copa com o Atlético de Madrid. O argentino Carlos Bilardo ficou conhecido por enterrar alho atrás do gol.

Nos vestiários muitas vezes encontramos momentos exclusivos para a geração de crenças e rituais que visam acarretar bons fluídos durante o jogo. Curiosamente esse momento que deveria ser de reflexão a respeito do jogo que vai começar, termina sendo um lugar de restrição da liberdade dos atletas e de práticas supersticiosas individuais ou coletivas (KOCIAN, 2009).

Diante disto surge-se a questão: A superstição é boa ou ruim para o atleta?

Singer (1977), ressalta que o comportamento supersticioso pode ser extremamente poderoso levando os atletas ao esforço máximo procurando o ápice do desempenho. Já Valle (2013), vai dizer que a performance depende de preparo físico, técnico, tático, psicológico e de dedicação, que o talento só floresce se houver muita disciplina e dedicação associadas. Porém, não há problema se o atleta utilizar de práticas supersticiosas em determinados momentos para se apoiar, se confortar, desde que as mesmas não interfiram em seu desempenho.

2.3.2 Superstição e Jiu-jitsu de acordo com as falas de Caillois.

No presente trabalho faz-se necessário uma discussão pelas falas de Caillois (1990), que diferencia os jogos em quatro categorias: Agon, Ilinx, Mimicry e Alea.

- Agon ou agonísticos - São caracterizados pela competição, pela disputa de habilidades físicas e intelectuais entre oponentes que possuem as mesmas condições iniciais sejam coletivos ou individuais. Ex.: Futebol, voleibol, basquetebol, handebol, futsal, etc.
- Ilinx – São caracterizados por despertar vertigem e alterações em estados emocionais dos seus praticantes; tem como característica os jogos que causam vertigem, que mexem com as sensações a ponto de desequilibrá-lo, com o sentido de fazê-lo sentir de forma intensa alguma emoção. Ex.: Escalada, rapel, tirolesa, etc.
- Mimicry – São caracterizados por interpretação cênica despertando o simulacro ou o gosto por uma personalidade alheia. Necessita dos jogadores, sua interpretação para criação do espaço de jogo. É uma categoria comum a significação simbólica mais intensa. Ex.: Imagem e ação, morto-vivo, etc.
- Alea – São caracterizados por possuírem aleatoriedades de sorte ou azar, força do acaso ou destino, onde há renúncia da vontade e participação direta em benefício de uma espera ansiosa e passiva do destino. O jogador atua passivamente, não fazendo uso de qualquer habilidade previamente adquirida, negando, assim, qualquer qualificação profissional. Ex.: Truco, pôquer, etc.

A partir do que já vimos fica evidenciado que o jiu-jitsu é uma modalidade esportiva de competição com disputas de habilidades físicas e intelectuais dos atletas e isso nos remete a classificação agon.

Porém, quando tratamos de práticas supersticiosas o atleta fica preso a tal objeto ou ato, deixando-o vulnerável para que o sucesso na competição dependa somente disto indo ao encontro com a classificação alea onde o mesmo fica em uma espera ansiosa e passiva do destino.

O mesmo acontece quando o atleta não está de posse de tal objeto ou não realiza seu ritual e fica à mercê das aleatoriedades de sorte ou azar, força do acaso ou destino para decidirem o seu êxito ou fracasso na competição.

Obviamente que algumas práticas esportivas acabam mesclando diferentes categorias. Uma discussão acerca do tema deve ser feita.

Muitas vezes ouvimos dizer que a cobrança de pênalti no futebol, arremesso direto no handebol ou o lance livre no basquetebol são de sorte ou azar. Quando refletimos vemos que isso depende da habilidade física do atleta, dos fundamentos que ele treina para executar aquilo, portanto como dizer que foi sorte ou azar? Isso nos remete mais à competência ou à incompetência do atleta.

É necessário considerar que a superstição não só faz parte da cultura brasileira, mas também da cultura esportiva e que muitos atletas acreditam que suas crenças dão conta da modalidade, resolvem seus problemas, ganham as disputas entre outros aspectos.

Agon ou alea devemos levantar algumas questões: Até onde o atleta acredita que o jogo depende totalmente de suas habilidades físicas? Até onde o atleta acredita que o jogo é uma questão de azar ou sorte? O quanto esses mesmos elementos influenciam no início, no decorrer, no final do jogo? Entre outros aspectos que envolvem esse universo, uma coisa é certa, isso está presente na vida dos atletas e no mundo esportivo em todos os seus âmbitos.

2.3.3 Superstição e Religião

De acordo com Schmitt (1988), a religião é uma das responsáveis pela origem da superstição.

As superstições surgem muitas vezes através das religiões, como por exemplo, religiões que adoram vários deuses e ligam suas superstições há animais, fenômenos da natureza, entre outros. Damiani (2005), cita o exemplo de que se o 13º filho se fosse homem se tornaria lobisomem todas as sextas a partir da meia noite.

Temos também as superstições de cunho cultural que se apresentam por falta de informações como as simpatias, criação de fórmulas mágicas e poções. Exemplo claro disto é a família comprar enxoval azul desejando que o filho seja homem.

Schmid (2013), colabora com a idéia contando que também há dois tipos de superstições: Uma relacionada com objetos, atos ou coisas que isolam o indivíduo do malefício e outra com a relação do meio em que o homem está inserido. Exemplos em que as duas situações ficam nítidas é quando o indivíduo beija certo objeto que carrega consigo (medalha) e a outra é quando o indivíduo evita fazer certas coisas (passar de baixo da escada).

3. METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa de campo de cunho qualitativo e quantitativo balizado nas ciências exatas e humanas, de caráter intencional. O universo da pesquisa é compreendido por atletas que competem na modalidade esportiva jiu-jitsu, no município de Muzambinho – MG.

O procedimento utilizado para coleta de dados foi um questionário misto balizado pelo autor Vieira (2009). O questionário continha questões abertas e fechadas a fim de levantar relações estáticas dos fatores a serem analisados bem como compreender as particularidades específicas dos indivíduos em relação às questões. O questionário foi aplicado no período de 31/03/2014 a 04/04/2014.

O método empregado para avaliar os resultados, se deu através da tabulação dos dados, organizando as análises obtidas, seguido de uma apreciação das repostas com o intuito de estabelecer uma discussão e confirmar ou refutar as hipóteses anunciadas.

Para participar da pesquisa os atletas amadores deveriam ter no mínimo 12 meses de prática da modalidade e serem maiores de idade (18 anos). O treinador, bem como os atletas da equipe, foram notificados do estudo, e somente tiveram a participação efetiva na pesquisa após assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido com relação a mesma. Foi garantido anonimato a todos participantes, bem como a livre interrupção da participação na pesquisa, caso assim achassem conveniente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o desenvolvimento do presente trabalho aplicamos questionários estruturados junto a atletas amadores e o treinador de jiu-jitsu na cidade de Muzambinho/MG. A parte inicial do questionário constava um cabeçalho de identificação onde levantamos dados como idade, sexo, tempo de prática, peso, categoria, cor da faixa e religião.

A amostra deste estudo foi composta por 21 atletas amadores do sexo masculino, com média de (4,33) anos de prática, variando de um a 15 anos. Os indivíduos possuíam média de idade de (27,28), variando de 18 a 46 anos. Com relação à categoria por idade, 5% lutam pela categoria sênior II e 5% pela categoria sênior III. 24% são da categoria máster e 66% da categoria adulto.

Com relação ao peso, 14% lutam na categoria médio, 19% na pesado, 10% na pesadíssimo, 5% na pluma, 14% na pena, 5% na superpesado, 19% na meio pesado e 14% leve. Com relação às faixas, 19% dos participantes é faixa branca, 24% faixa amarela, 28% faixa azul, 24% faixa roxa e 5% faixa preta.

Por fim, em relação as religiões dos participantes, constatamos que 67% católicos, 9% evangélicos, 19% espírita e 5% não citam.

Após o cabeçalho inicial dos questionários, iniciaram-se as questões diretamente ligadas ao tema do presente estudo: a superstição de praticantes de jiu-jitsu. Para análise dos questionários, numeramos aleatoriamente os questionários de 1 a 21.

A primeira questão dizia respeito à superstição dos participantes no seu dia a dia. Além disso, após responder diretamente as opções sim, não e às vezes, a questão trazia a oportunidade de o participante relatar quais superstições eram essas. Após análise dos dados, construímos o gráfico a seguir.

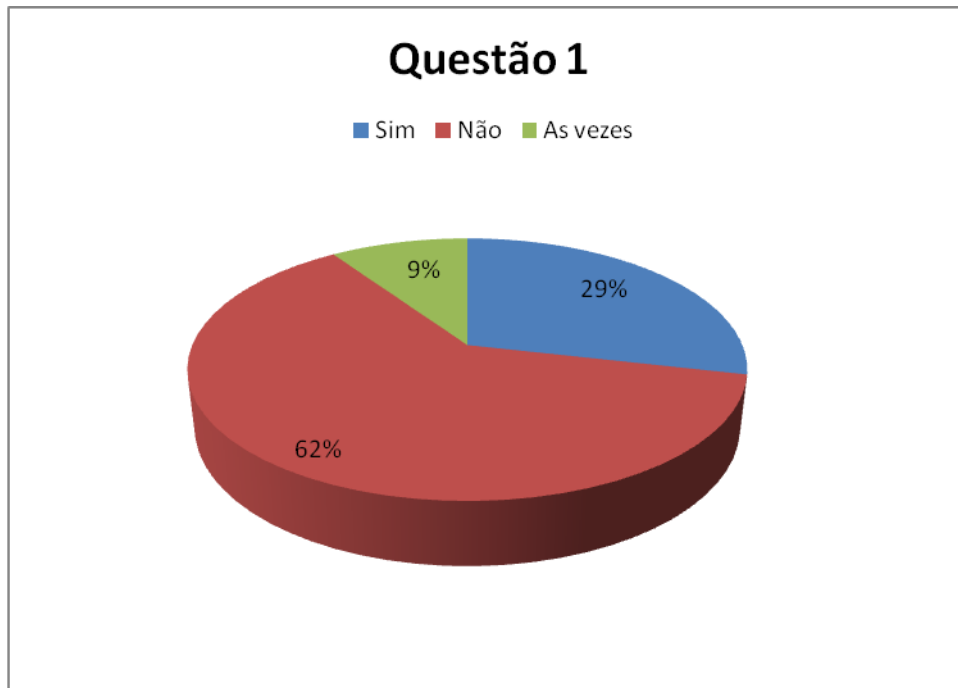


Figura 1 – Gráfico referente a quantos indivíduos possuem superstição no seu dia a dia e quais superstições os mesmos possuem.

De acordo com o gráfico, 29% (seis) dos indivíduos possuem superstição em seu dia a dia, 62% (treze) não possuem superstição e 9% (dois) relataram que às vezes possuem superstição. Se considerarmos os indivíduos que disseram possuir superstições e os indivíduos que relataram às vezes, somados são 38%, um dado minoritário, mas relevante.

Com relação aos indivíduos que citam possuir superstições, é interessante ressaltar a presença de rituais religiosos como a reza (sujeito 01) e o sinal da cruz (sujeito 03). Além dos atos religiosos, encontramos nas falas dos participantes outros tipos de rituais, como assoprar a mão direita (sujeito 12) e não passar por cima de bueiros (sujeito 05).

Essas respostas vão ao encontro do que Schmid (2013), diz a respeito de superstição, dividindo em atos que isolam o indivíduo do maléfico e também de cunhos nos quais o indivíduo faz relação com o meio em que está inserido.

A segunda questão dizia respeito à superstição dos participantes em relação à modalidade esportiva jiu-jitsu. Além disso, após responder diretamente as opções sim, não e às vezes, a questão trazia a oportunidade de o participante relatar quais superstições eram essas. Após análise dos dados, construímos o gráfico a seguir.



Figura 2 – Gráfico referente a quantos indivíduos possuem superstição com relação a modalidade esportiva jiu-jitsu e quais superstições são essas.

De acordo com o gráfico, 29% (seis) indivíduos possuem superstição em na modalidade esportiva jiu-jitsu, 71% (quinze) não possuem e 0% às vezes. Interessante perceber que o mesmo número de sujeitos que responderam ter superstição no dia a dia, relataram possuir superstição na modalidade jiu-jitsu.

Mesmo com a maioria das respostas sendo negativas é interessante uma discussão a respeito dos indivíduos que relataram possuir. Diante desses resultados notamos que mesmo com relação à modalidade esportiva, há a presença dos rituais religiosos, como já visto no gráfico anterior.

Vale ressaltar um fato curioso nas falas (sujeito 10 e 13) respectivamente: “Usar sempre um escapulário” e “Usar sempre a mesma cor de cuecas”.

Se voltarmos ao pensamento de Callois (1990) veremos as classificações dos jogos, que dentre elas, destacamos a “Alea” que se caracteriza por possuir aleatoriedades de sorte ou azar. Diante disto podemos observar como o indivíduo que possui esse tipo de ritual poderá ficar preso à superstição, deixando o vulnerável para que o sucesso na competição dependa somente disto. O mesmo pode acontecer quando o atleta não está de posse de tal objeto e fica à mercê das aleatoriedades de sorte ou azar.

Dessa forma, cabe ao professor/treinador discutir com seus alunos a importância sobre o tema superstição, levantando questões como, qual o objetivo do treinamento diante da superstição, para que serve o aprimoramento dos gestos técnicos frente ao uso ou o não uso de determinado objeto ou ritual e qual o significado desses rituais na prática dos atletas.

A terceira questão dizia respeito a como as superstições citadas anteriormente auxiliam os participantes. Além disso, após responder diretamente as opções sim, não e às vezes, a questão trazia a oportunidade de o participante relatar como essas superstições o auxiliavam.

Diante das análises realizadas encontramos “apenas no incentivo” (sujeito 13), o que é relevante visto que é algo que vem de fora e interfere no indivíduo, levando-o a uma provável aleatoriedade, força do acaso ou destino.

Também encontramos nas respostas aspectos espirituais, relacionados com a religiosidade, já citado na discussão da questão um.

Nos chama a atenção entre as respostas, à fala do sujeito 10 “sorte nas lutas”, que vai ao encontro do que foi citado e discutido na questão anterior. Se o atleta faz uso de tal objeto para que isso lhe traga sorte, é de se supor que a falta do mesmo lhe traga azar. Diante disso faz-se necessária uma preparação psicológica adequada para que o atleta enfrente os desafios esportivos.

Para corroborar com tal idéia citamos Buceta (1998), que afirma que o funcionamento psicológico do atleta pode ocasionar de maneira positiva ou negativa o desempenho físico, técnico e tático, de modo geral, no desempenho esportivo.

A quarta questão questionava se os indivíduos acreditavam que a superstição interfere no resultado final da competição. Além disso, após responder diretamente as opções sim, não e às vezes, a questão trazia a oportunidade do participante relatar de que forma isso acontece. Após análise dos dados, construímos o gráfico à seguir.



Figura 3 – Gráfico referente a quantos indivíduos acreditam que a superstição interfira no resultado da competição e de que forma isso acontece.

De acordo com o gráfico, 5% (um) dos indivíduos acreditam que a superstição interfira no resultado da competição, 76% (dezesseis) não acreditam que isso ocorra e 19% (quatro) relataram às vezes.

Se somarmos os dados de quem acredita e os que relataram às vezes, temos um total de 24%, um dado minoritário, mas relevante.

Entre os relatos citados encontramos “apenas uma crença religiosa para não machucar, o resultado vem com muito treino e dedicação.” (Sujeito 16) e “Na prática não, mas mentalmente sim” (sujeito 10).

Para entendermos melhor essas falas e corroborar com nossa discussão, nos embasamos nas afirmações de Toledo (2002), que afirma que a superstição é uma crença em algo que não se apropria a uma lógica formal ou científica e que normalmente se baseia em tradições populares, portanto uma superstição com caráter religioso.

O interessante é o indivíduo ter a consciência de que o resultado da competição não está ligado a uma crença, a uma superstição, mas sim com a dedicação, preparo e quantidade de treinos. Diante disso não podemos deixar de citar Valle (2013), que afirma que a desempenho depende de preparo físico, técnico, tático, psicológico e de dedicação, que o talento só floresce se houver muita disciplina e dedicação associadas.

Ao analisar a fala do sujeito 10, que diz que mentalmente fica melhor com a superstição, podemos refletir de acordo com Machado (2006), que traz a idéia de que um atleta que esteja bem mentalmente poderá render mais se comparado com um atleta que esteja com problemas ou afetado psicologicamente.

Já nas afirmações de Damiani (2005), notamos que as superstições estão enraizadas nos processos mentais e inconscientes do homem, e estão prontas para vir à superfície em determinadas circunstâncias, como por exemplo, na disputa de uma competição.

A quinta questão dizia respeito à prática supersticiosa da equipe como um todo. Além disso, após responder diretamente as opções sim, não e as vezes, a questão trazia a oportunidade do participante relatar qual superstição era essa.

De acordo com as respostas, todos os indivíduos afirmaram que a equipe não possui nenhuma prática supersticiosa. Isso pode estar relacionado ao fato de que no jiu-jitsu o atleta é chamado para a área de aquecimento e de combate isoladamente, ou seja, sem o treinador e os demais companheiros de equipe. Entretanto, ressaltamos que durante as viagens, ou mesmo antes de começar a competição de forma geral, os lutadores de jiu-jitsu reúnem suas respectivas equipes, podendo assim, desenvolver trabalhos ou rituais coletivos.

A sexta questão dizia respeito aos sujeitos que rezam antes de seus confrontos e competições da modalidade esportiva jiu-jitsu. Após analisar as respostas coletadas construímos o gráfico a seguir:

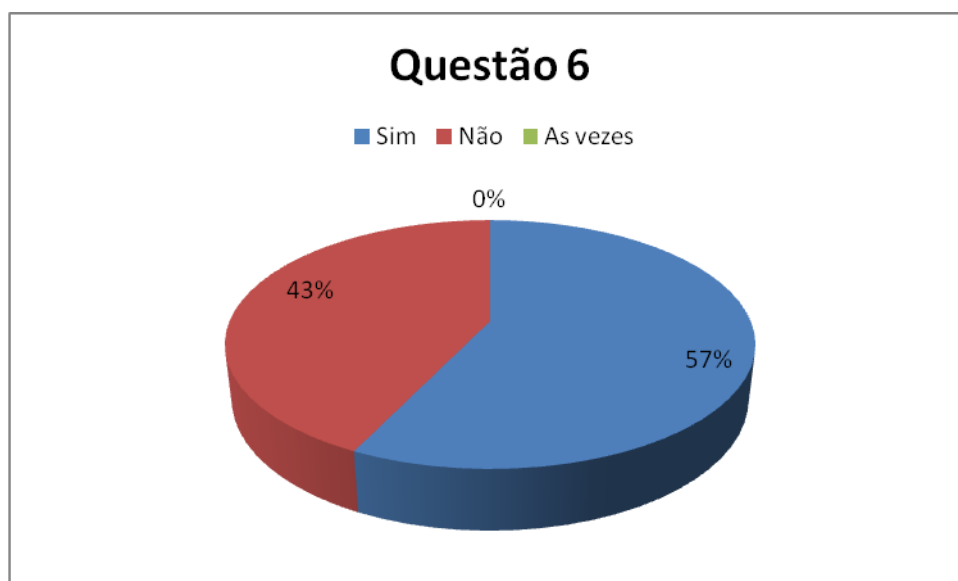


Figura 5 - Gráfico referente a quantos indivíduos rezam antes da competição.

De acordo com o gráfico, 57% (doze) dizem rezar antes da competição, 43% (nove) não rezam. Nenhum sujeito respondeu as vezes.

Entre os relatos citados, encontramos como práticas de oração antes da competição rezar o Pai Nosso, Ave Maria, orações pessoais pedindo proteção e agradecendo.

Nota-se com os relatos dos participantes que o ato de rezar não é considerado como um ritual supersticioso. Afinal ao compararmos as respostas com a da questão um e dois, percebe-se que os indivíduos que rezam não se enxergam como indivíduos supersticiosos. Essa constatação vai de encontro com o relato de Schmitt (1988), que diz respeito a total dependência da superstição à religião, já que a superstição nasceu dos atos religiosos, crenças e religião.

A sétima questão dizia respeito se havia o costume da equipe de rezar antes das competições. Além disso, após responder diretamente as opções sim, não e as vezes, a questão trazia a oportunidade do participante relatar o que era rezado pela equipe.

De acordo com as respostas, todos os indivíduos entrevistados afirmaram que a equipe não possui o costume de rezar antes da competição. Isso também pode estar relacionado, assim como na quinta questão, ao fato de que no jiu-jitsu o atleta é chamado para a área de aquecimento e de combate isoladamente, ou seja, sem o treinador e os demais companheiros de equipe, não sendo contemplado com um tempo que antecede necessariamente o confronto para uma possível reza ou um ritual religioso.

A oitava questão questionava, se o treinador discute o tema superstição com a equipe. Além disso, após responder diretamente as opções sim, não e às vezes, a questão trazia a oportunidade de o participante relatar o que era discutido sobre o time pelo treinador.

De acordo com as respostas, todos os indivíduos afirmaram que o treinador não discute nenhum o conteúdo relacionado à superstição. Faz-se necessário a discussão do tema, para que ocorra uma preparação psicológica por parte do atleta, já que o competidor quando está bem preparado psicologicamente se sobressai em relação ao competidor desprovido de um bom preparo psicológico como dito anteriormente por Buceta (1998). Este afirma que o funcionamento psicológico do atleta pode ocasionar de maneira positiva ou negativa o desempenho físico, técnico e tático, de modo geral no desempenho esportivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista nossos objetivos em relação às práticas supersticiosas de atletas de jiu-jitsu da cidade de Muzambinho-Mg e analisando os dados coletados, podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, a maioria dos atletas não possuem práticas supersticiosas em relação a modalidade, entretanto uma pequena parcela demonstrou possuir práticas supersticiosas, o que merece especial atenção dos profissionais de Educação Física.

De maneira geral, o competidor também não possui práticas supersticiosas no seu dia a dia. No que diz respeito a modalidade Jiu-Jitsu em sua maioria não houve constatação de rituais supersticiosos, mas quando encontradas as principais respostas foram ligadas a religião e crenças que fazem com que os participantes acreditem que estão imunes no seu dia a dia.

Em relação a ligação entre superstição e o resultado final do confronto ou da competição, foi relatado que de maneira geral não há nenhuma interferência, porém uma pequena parcela do universo da pesquisa se mostrou crédulo à interferência que a superstição possui no resultado final de seu confronto, o que merece especial atenção.

Por fim, concluímos também que não há práticas supersticiosas na equipe em relação à modalidade e que o treinador não discute o tema superstição com a equipe.

Sugere-se, ao término desse trabalho, que novas pesquisas acerca do tema sejam efetuadas para maior compreensão deste fenômeno, bem como que trabalhos na área de psicologia do movimento humano sejam desenvolvidos a fim de que os atletas da modalidade, que relataram a importância da superstição, não se tornem dependentes dessas práticas como única possibilidade de alcançar o êxito esportivo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, M. R. F. **Aspectos Bio-psicológicos no esporte**. In: MOREIRA, W. W. SIMÕES, R. Fenômeno esportivo no início de um novo milênio. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

BRANDÃO, M. R. F. MACHADO, A. A. **Viajando com a equipe: o papel do psicólogo do esporte**. Revista Motriz, Rio Claro, v.14 n.4, 2008.

BRAVO, E. KRAUSS, E. **Jiu-Jitsu sem mistérios**. São Paulo: Madras, 2011.

BUCETA, J. M. **Psicología del entrenamiento deportivo**. Madrid: Dykinson, 1998.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Portugal, 1990.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2003.

CBJJE. **História do Jiu-Jitsu**. Disponível em http://www.cbje.com.br/jiujitsu_historia.php. Acesso em 23 de Abr. 2014.

CURIO, W. **História do Jiu-jitsu**. Disponível em http://www.jiujitsu.net.br/historia_do_jiu_jitsu.htm. Acesso em 23 de Abr. 2014.

DAMIANI, E. M. **Superstição no esporte**. Dissertação de mestrado em Educação Física na área de Concentração de Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DAÓLIO, J. **As contradições do futebol brasileiro**. Lectures Educación Física y Deportes, 3 (10) 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/Daólio>. Acesso em 02 de Out. 2013.

DRIGO, A. J. OLIVEIRA, P. R. CESANA, J. NOVAES, C. R. B. NETO, S. S. **A cultura oriental e o processo de especialização precoce nas artes marciais**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Revista Digital, Buenos Aires, n. 86, 2005. Acesso em 19 Mar. 2014.

DUARTE, O. **História Dos Esportes**. 5^o edição. São Paulo: Senac, 2004.

HURLEY, P. J. **A concise introduction to logic**. Tradução de Álvaro Nunes. Ciência e Superstição. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.filedu.com>. Acesso em 09 Out. 2013.

KOCIAN, R. C. SANTOS, C. KOCIAN, L. L. R. **A superstição e a competição esportiva escolar: Uma visão de atletas femininas**. Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol.9, n.5, 2010.

KOCIAN, R. C. SANTOS, C. KOCIAN, L. L. R. **A superstição e a competição esportiva escolar: Uma visão de atletas masculinos**. Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol.9, n.5, 2010.

KOCIAN, R. C. **Concentração nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo: estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da Psicologia do Esporte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2009.

MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte**: da Educação Física escolar ao treinamento esportivo. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**. 1º edição. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

SCHMID, G. **A natureza das superstições**. Jornal do Amanhã. Disponível em: <http://www.universus.com.br>. Acesso em 16 de Out. 2013.

SCHMITT, J. C. **Histórias das superstições**. Fórum da História. Portugal: Publicações Europa América, 1988.

SILVA, P. C. **Você é supersticioso?** Disponível em: <http://www.cacp.org.br>. Acesso em 23 de Out. 2013.

SINGER, R. N. **Psicologia dos Esportes**: mitos e verdades. 2º edição. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1977.

VALLE, M. P. **Superstições no esporte: quem não tem a sua?** Disponível em: <http://www.psicoesporte.com.br/Downloads/superstições>. Acesso em 30 de Out. 2013.

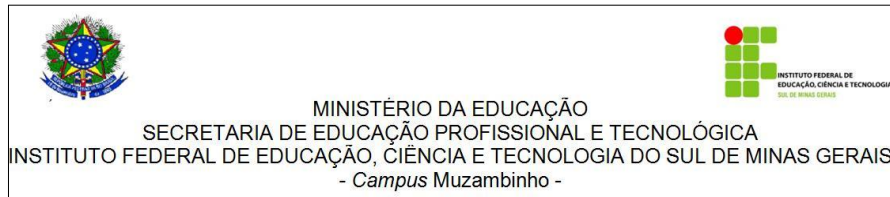
VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. 1º edição. São Paulo: Atlas, 2009.

VECCHIO, F. B. BIANCHI, S. HIRATA, S. M. CHACON-MIKAHIL, M. P. T. **Análise morfofuncional de praticantes de Brazilian jiu-jitsu e estudo da temporalidade e da quantificação das ações motoras na modalidade.** Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, v.5, n.4, p.263-81, 2007.

VECCHIO, F. B. FRANCHINI, E. **Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte.** São Paulo. Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo. Vol. 25, 2011.

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os atletas.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O ATLETA

Prezado Atleta,

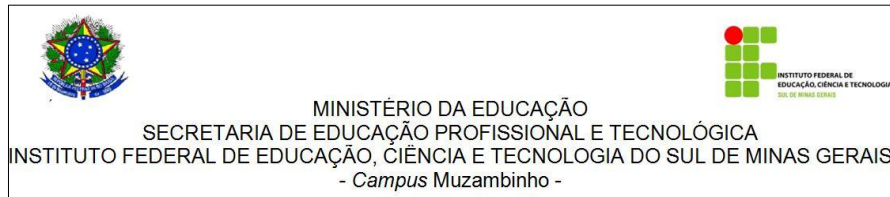
Venho através desta, solicitar autorização para realizar a pesquisa intitulada **“Superstição e Jiu-jitsu: Um estudo com atletas de Muzambinho-MG.”**. Este trabalho tem como objetivo: **Verificar se os atletas que competem na modalidade esportiva jiu-jitsu possuem superstições com relação à mesma.** Esta pesquisa é um trabalho de conclusão de curso de graduação do aluno Kaique Torres e Samuel Silva, regularmente matriculados no curso de Educação Física, no 8º período, na modalidade Bacharelado no IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho orientado pelo professor Rafael Castro Kocian. Para garantir a confiabilidade de nosso trabalho, os procedimentos utilizados estarão de acordo com os padrões científicos e teóricos. A pesquisa somente será realizada com prévia autorização, mediante a apresentação do TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) preenchido e assinado. Para o cumprimento do objetivo do estudo, é necessária a aplicação de um questionário, aonde os (as) atletas irão somente responder sem nenhuma intervenção. Serão tomados todos os cuidados necessários procurando não oferecer risco ou constrangimento para ambos. A coleta dos dados não afetará o desenvolvimento das atividades do (a) atleta e será mantido total sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos participantes. As informações serão utilizadas apenas para o desenvolvimento da pesquisa. Agradecemos antecipadamente a atenção e colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa pelos telefones (35) 8843-7660 e (35) 9123-4770

De acordo,

Muzambinho (MG), _____ de _____ de 20 ____

Assinatura do Atleta

Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o responsável pela equipe.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O RESPONSÁVEL PELA EQUIPE

Prezada diretoria,

Venho através desta, solicitar autorização para realizar a pesquisa intitulada **“Superstição e Jiu-jitsu: Um estudo com atletas de Muzambinho-MG.”**. Este trabalho tem como objetivo: **Verificar se os atletas que competem na modalidade esportiva jiu-jitsu possuem superstições com relação à mesma.** Esta pesquisa é um trabalho de conclusão de curso de graduação do aluno Kaique Torres e Samuel Silva, regularmente matriculados no curso de Educação Física, no 8º período, na modalidade Bacharelado no IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho orientado pelo professor Rafael Castro Kocian. Para garantir a confiabilidade de nosso trabalho, os procedimentos utilizados estarão de acordo com os padrões científicos e teóricos. A pesquisa somente será realizada com prévia autorização, mediante a apresentação do TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) preenchido e assinado. Para o cumprimento do objetivo do estudo, é necessária a aplicação de um questionário, aonde os (as) atletas irão somente responder sem nenhuma intervenção. Serão tomados todos os cuidados necessários procurando não oferecer risco ou constrangimento para ambos. A coleta dos dados não afetará o desenvolvimento das atividades do (a) atleta e será mantido total sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos participantes. As informações serão utilizadas apenas para o desenvolvimento da pesquisa. Agradecemos antecipadamente a atenção e colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa pelos telefones (35) 8843-7660 e (35) 9123-4770. A sua colaboração tornou-se inestimável para o alcance dos objetivos propostos. Denúncias e queixas podem ser feitas pelo telefone do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho (35) 3571-5118.

De acordo com o esclarecido, aceito colaborar na realização da pesquisa, estando devidamente informados sobre a natureza do estudo, objetivos e métodos empregados.

Muzambinho (MG), _____ de _____ de 20 ____

Assinatura da Diretoria

Anexo C – Questionário Para o Atleta

Questionário Atleta

Sexo: () Masculino () Feminino		Religião:
Idade:	Peso:	Faixa:
Há quanto tempo pratica?		

Questões:

1- Você possui algum tipo de superstição no seu dia a dia? Quais?

() Sim () Não () As vezes

2- Você possui alguma superstição em relação à modalidade Jiu-Jitsu? Quais?

() Sim () Não () As vezes

3- De que forma essa superstição te auxilia?

4- Você acredita que a superstição interfira no resultado da competição?

Por quê? () Sim () Não () As vezes

5- Existem práticas supersticiosas na equipe? Quais?

() Sim () Não () As vezes

6- Você tem o costume de rezar antes da competição? O que reza?

() Sim () Não () As vezes

7- Sua equipe costuma rezar antes da competição? O que rezam?

() Sim () Não () As vezes

8- O seu treinador discute o tema superstição com você? O que ele faz?

() Sim () Não () As vezes
